

A ascensão das rendas não agrícolas: um estudo na região centro oeste do RS

The rise of non-agricultural incomes: a study in the central-western region of RS

Claudio Raimundo de Bastos Brasil

Instituto Federal Farroupilha. São Vicente do Sul, RS, Brasil

Hélio Gelson Simon Fontana

Instituto Federal Farroupilha. São Vicente do Sul, RS, Brasil

GT09. Trabalho, emprego, ocupações rurais

Resumo: A agricultura familiar destaca-se por garantir a segurança alimentar, diferenciando-se do agronegócio exportador. Devido à sazonalidade agrícola, famílias do Vale do Jaguari (RS) adotaram a pluriatividade, conciliando o trabalho rural com empregos na indústria, serviço público, comércio e turismo ecológico. Esta pesquisa investigou como tais atividades impulsionam o desenvolvimento socioeconômico em São Vicente do Sul, entendendo a pluriatividade como uma estratégia familiar complexa para alcançar bem-estar. Por meio de entrevistas com 25 sindicalizados e análise bibliográfica, o estudo confirmou os impactos positivos dessa diversificação nas propriedades rurais da região. Assim, os relatos dos informantes-chave possibilitaram para que se percebesse que agricultura familiar local possui uma ligação com os diversos setores da economia vicentense, sendo um número de 08 diferentes tipos de atividades pluriativas desenvolvidas no município, entre elas de eventos, turismo rural e no serviço público. Por isso, percebe-se que o aumento significativo dessas atividades não agrícolas, através da pluriatividade, tem oportunizado a agricultura familiar local um aumento na totalidade da sua renda familiar e uma não dependência exclusiva de rendas agrícolas, além da permanência no campo e de uma melhor qualidade de vida em termos econômicos e sociais.

Palavras-chave: trabalho, tomada de decisão, mão de obra, qualidade de vida.

Abstract: Family farming stands out for guaranteeing food security, differentiating itself from export-oriented agribusiness. Due to agricultural seasonality, families in the Jaguari Valley (RS) have adopted pluriactivity, combining rural work with jobs in industry, public service, commerce, and ecotourism. This research investigated how such activities drive socioeconomic development in São Vicente do Sul, understanding pluriactivity as a complex family strategy to achieve well-being. Through interviews with 25 union members and bibliographic analysis, the study confirmed the positive impacts of this diversification on rural properties in the region. Thus, the accounts of key informants made it possible to perceive that local family farming has a connection with the various sectors of the São Vicente economy, with 8 different types of pluriactive activities developed in the municipality, including events, rural tourism, and public service. Therefore, it is clear that the significant increase in these non-agricultural activities, through pluriactivity, has provided local family farming with an increase in total family income and a reduction in exclusive dependence on agricultural income, in addition to allowing them to remain in rural areas and achieving a better quality of life in economic and social terms.

Keywords: work, decision-making, workforce, quality of life.

1. Introdução

A agricultura familiar tem como principal característica as pequenas propriedades, de norte a sul do Brasil, com uma produção de alimentos diversificados e importantes para cada região. Aliado a isso, é inevitável, que o reconhecimento pelo trabalho da agricultura familiar é primordial para o desenvolvimento (econômico e social) local e regional brasileiro, (Schneider, 2003).

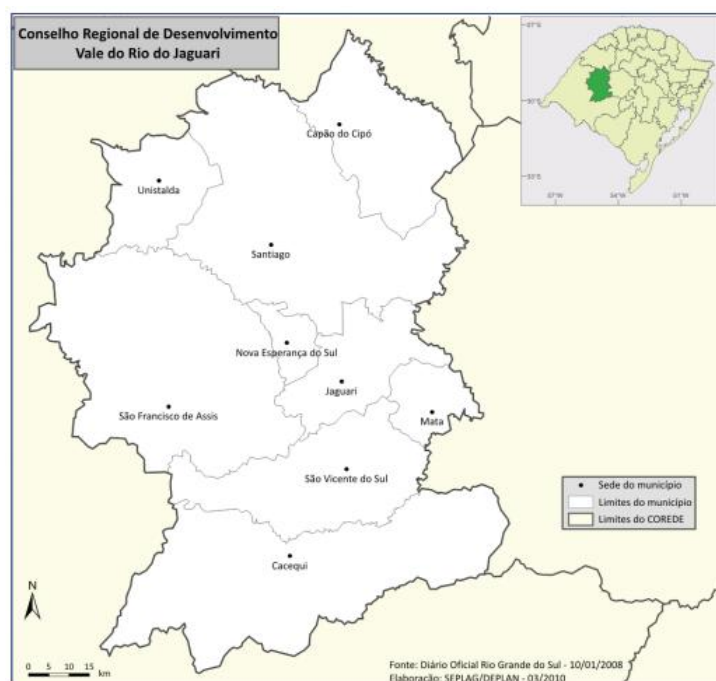
O fortalecimento e importância em relação a essa categoria política e social deu-se basicamente no final dos anos 80, período da redemocratização do país, início da década de 90 com a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF.

Todo esse movimento foi fruto de discussões e objeto de uma agenda organizada e liderada pelos movimentos sociais da época como o Grito da Terra, entre outros, (BRASIL, 2016).

Com isso, a agricultura familiar sempre precisou se adaptar as novas realidades e ruralidades do país e desta forma, desde há muito tempo a diversificação das atividades rurais e a prática de atividades ditas como não agrícolas fazem parte do seu cotidiano, como forma de permanência das famílias no meio rural e de melhoria da renda desses pequenos produtores. Essa diversificação de atividades alinhando atividades rurais com não rurais, realizadas dentro e fora da Unidade de Produção Agrícola (UPA) é o que Schneider (1999, 2003, 2009) chama de pluriatividade e é fruto de diversas pesquisas realizadas pelo autor e por diversos outros pesquisadores como veremos ao longo desse trabalho.

Dito isto, este estudo tem como lócus empírico de pesquisa São Vicente do Sul município pertencente a região do Vale do Jaguari (VJ), no centro oeste do Rio Grande do Sul e pertencente ao COREDE¹ de mesmo nome, que é composto pelos municípios de Cacequi, Capão do Cipó, Jaguari, Mata, Nova Esperança do Sul, Santiago, São Francisco de Assis, São Vicente do Sul e Unistalda, (figura 1).

Figura 1: municípios do COREDE Vale do Jaguari



Fonte: Planejamento Estratégico VJ 2015-2030

¹ Conselho Regional de Desenvolvimento – COREDE: divisão política do Rio Grande do Sul e serve de unidade de planejamento para as regiões. Atualmente, o RS possui 28 COREDEs, sendo que o COREDE Vale do Jaguari foi criado pelo Decreto n° 45.436, de 09 de janeiro de 2008, mediante desmembramento do COREDE Central.

Esses municípios são caracterizados por apresentar uma economia ligada ao meio rural, na sua maioria médias e pequenas propriedades e com atividades agropecuárias diversificadas, como: a produção do leite, cultivo da uva, do fumo, criação de aves, bovinos, suínos, produção de olericulturas, entre outras. Esta estrutura produtiva diversificada, faz com que cada município, individualmente, busque alternativas de desenvolvimento que levem em conta suas potencialidades locais (ANÉSE, 2009).

O Vale do Jaguari encontra-se numa área de transição entre a Depressão Central e o Planalto Meridional. O que confere áreas mais íngremes e outras mais planas. Esta composição geográfica foi importante para o desenvolvimento da agricultura familiar baseada na policultura, já que juntamente com a geologia a colonização italiana e alemã conferiram o desenvolvimento destas atividades.

Essa produção diversificada da agricultura familiar local destina-se para o autoconsumo e o comércio com os aglomerados urbanos da região e fora dela, por meio de relações formais e informais (SILVEIRA, 2013). Quanto ao setor secundário destacam-se as indústrias de borracha, fumo, couros, peles, agropecuárias e similares (HEDLUND, 2021).

Todavia, essas características agrícolas não impediram que a agricultura familiar da região destinasse parte de sua mão de obra para atividades não agrícolas e consequentemente para a pluriatividade, o que nos faz questionar: **quais as atividades pluriativas são desenvolvidas pela agricultura familiar de São Vicente do Sul - RS e como elas interferem nessas propriedades e no desenvolvimento econômico e social dessas famílias?**

Diante desse questionamento, buscar-se-á identificar os principais tipos de pluriatividades existentes no município, indicando sua importância para o processo de desenvolvimento rural e para a inclusão econômica e social dessas famílias.

2. Revisão da Literatura

2.1 A chamada Agricultura Familiar

A realidade contemporânea dessa categoria social apresenta um papel essencial para sociedade, isto é, fornece alimento para o mercado consumidor, fortalecendo a segurança e a soberania alimentar. Mesmo não tendo a mesma produtividade em números estatísticos que o agronegócio é na agricultura familiar que se processam os rumos da alimentação de uma nação. Mesmo um país enorme como é o caso do Brasil.

Diversos autores e trabalhos (re)afirmam que a agricultura familiar possui características distintas, sendo que as principais estão relacionadas a mão de obra utilizada (familiar), o tamanho da propriedade, na direção dos trabalhos e na renda gerada pela atividade agrícola.

Para Abramovay (1992) a agricultura familiar caracteriza-se como uma unidade indissociável entre a sua necessidade de produção e sua necessidade de consumo, os chamados excedentes de produção. O autor acredita que a agricultura familiar é uma consequência do chamado campesinato quando afirma que essa categoria passou por uma profunda transformação de um modo simples de vida para nova forma de ver o trabalho e sua profissionalização em busca de novos mercados.

Essa categoria ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho na unidade de produção familiar. Para a autora, essa estratégia família-produção-trabalho mais do que a diferença quanto aos níveis de renda atingida, que apenas reconstrói o perfil momentâneo dos agricultores familiares, é a diferenciação das estratégias familiares que está na origem da heterogeneidade das formas sociais concretas da agricultura familiar, Wanderley (2009).

Guanziroli et al. (2001), quando os autores afirmam que diferentemente da nomenclatura, a agricultura familiar é a principal fonte de ocupação de força de trabalho no meio rural brasileiro, e consequentemente fator de essencial influência no cenário econômico de sustentabilidade e de crescimento.

Buainaim e Romeiro (2000), acreditam que uma das características importantes da agricultura familiar é o desenvolvimento de sistemas complexos de produção que combinam várias culturas, criações de animais e transformações primárias, tanto para o consumo da família como para o mercado.

O que realmente caracteriza a agricultura familiar é a efetiva participação da mão de obra familiar nas atividades realizadas, sejam elas agrícolas ou não-agrícolas, reforçando assim a importância da diversificação da produção nas pequenas propriedades, pois, ao se definir agricultura familiar contemporânea, deve-se levar em conta todas as formas que essa categoria social apresenta, Fialho (2000).

Germer (2002), destaca o perfil empreendedor, pois segundo o autor o termo agricultura familiar advém da concepção norte-americana de produção familiar, onde a denominação “produtor familiar” representava o pequeno produtor ousado, o homem da fronteira, o pequeno industrial inovador, representado na agricultura pelo *farmer*.

Já Souza Filho e Batalha (2005), afirmam que a agricultura familiar não está apenas relacionada as dimensões de áreas para as propriedades, mas, principalmente ao nível de desenvolvimento tecnológico e aos sistemas de produção adotados nas mesmas.

Para Brasil e Miguel (2016) as características da agricultura familiar apontam uma unidade familiar como um grande sistema, aliado as funções comercial e de serviços. Por isso, os autores indicam a necessidade uma análise mais ampla e detalhada, afinal deve-se levar em conta todas as formas que essa categoria social apresenta, seja ela baseada na participação do trabalho assalariado ou no trabalho familiar não agrícola. Por isso, os autores sugerem a utilização da abordagem sistêmica² para os estudos relacionados a uma UPA tipicamente familiar.

Silva Neto (2005) acredita que a abordagem sistêmica tem analisado e auxiliado a agricultura de forma significativa em trabalhos de pesquisa e extensão rural. E que apesar de ter surgido como uma resposta a visões puramente disciplinares, essa abordagem ao longo do tempo tem se mostrado como um novo paradigma para questões relacionadas ao desenvolvimento rural.

Cabe ainda destacar que a agricultura familiar como unidade de análise baseia-se nas informações oriundas da FAO/Incra que dividem as propriedades agropecuárias em Modelo Patronal e Modelo Familiar, conforme quadro abaixo, e da ascensão desta última na busca contínua por recursos do Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF) no caso brasileiro especificamente:

Quadro 1: Diferença entre Propriedades Patronais e Familiares

Modelo Patronal	Modelo Familiar
Separação entre gestão e trabalho	Trabalho e gestão relacionados
Organização centralizada	Direção da produção diretamente assegurada pelos proprietários ou arrendatários
Ênfase na especialização	Ênfase na diversificação
Ênfase nas práticas padronizadas	Ênfase na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida
Predomínio do trabalho assalariado	Trabalho assalariado complementar
Tecnologias dirigidas à eliminação das decisões “de terreno” e “de momento”.	Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo.

Fonte: Veiga, 2001.

² Trabalhos e pesquisas sobre a abordagem sistêmica na agricultura, podem ser conhecidos em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213973/000783600.pdf?sequence=1>
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189267/000740556.pdf?sequence=1>
<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/1580>
<http://icongresso.itarget.com.br/tra/arquivos/ser.6/1/6256.pdf>

Isso posto, os conceitos abordados, culminado com o quadro acima exposto, nos remete acreditar que a agricultura familiar atual se trata de uma concepção genérica que apresenta uma gama diversa de situações extremamente particulares. E talvez por essa necessidade de adaptação e diversificação na busca de uma renda complementar é que a agricultura familiar tem buscado e desenvolvido há muitos anos a chamada pluriatividade, assunto a ser abordado no capítulo a seguir.

2.2 Pluriatividade: características, conceitos e importância

As discussões em torno da agricultura familiar sua multifuncionalidade, da nova ruralidade assim como o fenômeno da pluriatividade e das chamadas rendas não agrícolas, pode-se dizer que não são assim tão recentes.

Chayanov (1974) percebe a pluriatividade como uma forma de planejamento e organização, econômica e social, da agricultura familiar perante as dificuldades impostas pelo mercado, principalmente quando a UPA não consegue absorver toda mão de obra da família existente no núcleo familiar. O que significa dizer que a pluriatividade é uma estratégia utilizada ao longo do tempo pela estrutura familiar.

Dell Grossi e Graziano, (1998), veem a pluriatividade como a unificação de atividades agrícolas com a realização de atividades que possam gerar ou não rendas às famílias, independentemente que sejam atividades internas ou externas à UPA. Para esses autores é preciso entender e diferenciar a agricultura familiar inclusive quando se fala em atividades que geram rendas não agrícolas.

O que é corroborado por Schneider, (2001), que acredita que a busca da agricultura familiar por uma atividade não agrícola não significa que esse produtor pretende encerrar com as atividades agrícolas tradicionais ou com determinadas atividades da propriedade. Por isso o autor acredita que conhecer o perfil dessas famílias e dessas propriedades é importante como forma de se compreender essas decisões por elas tomadas, haja vista, que as mesmas permanecem no meio rural.

Fato que vai ao encontro das palavras de Graziano (1999) quando o mesmo cita que a pluriatividade ao gerar rendas não agrícolas à agricultura familiar efetivamente colabora para manter a população rural na propriedade além de elevar a renda dessas famílias.

Na mesma linha, Baumel e Basso (2004) corroboram com a ideia de que a pluriatividade são mecanismos de expansão e sobrevivência e, portanto, auxiliam no desenvolvimento e

manutenção da agricultura familiar e na expansão econômica e social das famílias envolvidas neste tipo de processo.

Contudo, outros autores vão de encontro a essas ideias anteriores pois acreditam que a pluriatividade pode ser uma forma da agricultura familiar ficar fragilizada. Rua (2006) identifica as atividades pluriativas como uma forma de abandono das atividades agrícolas. Fialho (2000) acredita que a pluriatividade pode ocasionar a redução da mão de obra existente na UPA, sobrecarregando os demais membros da família. Ricardio (2011) acredita que esse tipo de atividade por serem periódicas e não sazonais podem desvincular as famílias a sua atividade agrícola principal ocasionando o agravamento da pobreza no campo.

O fato é que para a agricultura familiar o trabalho agrícola e não-agrícola exercido de forma complementar pelos membros da família que residem na propriedade, frequentemente se deve à pouca disponibilidade de terra e às dificuldades de modernização tecnológica, o que compromete sua renda, obrigando essas pequenas unidades a buscar uma alternativa complementar de renda (SCHNEIDER, 2003).

Wanderley (2004), acredita que a pluriatividade e a agricultura familiar sempre estiveram ligadas, afinal essas famílias além de cultivarem a terra e criar seus animais buscam outras alternativas de ocupação e renda para a mão de obra ociosa na família, contribuindo para permanência no meio rural e uma melhor qualidade de vida a todos.

ELLIS (2000) vê a pluriatividade como um tema um tanto complexo quando abordamos propriedades rurais que precisam produzir seu próprio sustento e o acesso aos recursos apresenta-se com um desafio. Para a autora isso somente é possível quando se tem acesso ao capital natural, social, físico e financeiro.

Reforçando estas palavras, Schneider (2003) de que a pluriatividade define a unidade produtiva que diversifica suas fontes de renda. Além da agricultura, os membros da família exercem atividades dentro e fora da propriedade, compondo o orçamento com rendimentos variados, pagamentos em produtos e transferências de recursos.

Kageyama (2008), percebe a pluriatividade como um fenômeno econômico que combina ao menos duas atividades, uma delas a agricultura. A autora acredita que esse tipo de atividade pode representar um vetor de desenvolvimento das áreas rurais, afinal, são atividades que 34 oportunizam novas formas de trabalho e geração de renda.

Schneider (2009) e Fialho (2000), corroboram com o exposto quando afirmam que a pluriatividade é resultado das decisões tomadas pelo núcleo familiar, conforme o contexto

social e econômico atual dessas famílias, que se utilizam da pluriatividade para geração de uma renda não agrícola, mas principalmente na busca por uma melhor qualidade de vida.

Assim, pensar a pluriatividade torna-se cada vez mais importante, dado a possibilidade de desenvolvimento rural sustentável e a movimentação da agricultura familiar na sua organização. Com isso, a agricultura familiar pluriativa tem a capacidade para descobrir um rural criativo, determinado e conhecedor de suas estratégias de sobrevivência, garantindo uma relação positiva com a natureza e com o mercado local (SCHNEIDER; CASSOL, 2013).

Isto posto, salienta-se que o fenômeno da pluriatividade não deve ser compreendido como a solução econômica e social para a agricultura familiar, mas como uma estratégia, coletiva ou individual, de reprodução num contexto de inúmeras limitações³ para o desenvolvimento desta categoria social agrícola cuja base seja o trabalho baseia-se na mão de obra familiar.

3. Metodologia

Na condução de uma pesquisa a metodologia tem extrema importância para a realização de uma pesquisa, pois são os métodos que se apontam as técnicas a serem utilizadas. Ademais, através dos métodos, o pesquisador irá atingir o objetivo geral do estudo e, todo o andamento da pesquisa será guiado (MARCONI; LAKATOS, 2010; DEMO, 2013).

Essa pesquisa enquadra-se como exploratória e descritiva. Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos, envolvendo pesquisa documental, levantamento bibliográfico e a análise de exemplos que estimulem a compreensão. Já a pesquisa descritiva diz respeito ao pesquisador apenas registrar e descrever os fatos observados, sem interferir neles. Ademais, esse tipo de pesquisa, descreve as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Também se caracteriza como um o estudo de multi-caso, pois consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa, (BOAVENTURA, 2004).

³ O modelo de agricultura adotado a partir dos mercados globais, das chamadas commodities agrícolas, é incapaz de incluir e (re)construir alternativas frente à vulnerabilidade econômica e social que atinge o meio rural brasileiro e principalmente a agricultura familiar (NIEDERLE; GRISA, 2008).

Aliado a isso, esta pesquisa proporciona ao uso de uma abordagem qualitativa, pois, fez a obtenção de dados descritivos de trabalhos anteriores sobre a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados (NEVES, 1996; SAMPIERE; COLLADO; LUCIO, 2006).

Já a coleta de dados se deu através de pesquisas documentais e bibliográficas realizadas em livros, artigos, trabalhos de conclusão de curso e dissertações que permeiam os temas agricultura familiar, pluriatividade. Aliado a isso, pesquisas sobre a região de estudo também foram observados em sites como FEE, IBGE, Fórum dos COREDES, entre outros. Buscou-se ainda, realizar uma pesquisa com trabalhadores associados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Vicente do Sul, aqui chamados “informantes-chave”, ou seja, pessoas com profundo saber em relação não apenas a agricultura familiar local e regional, principalmente de São Vicente do Sul, sendo que o principal objetivo foi identificar as famílias locais que exercem algum tipo de pluriatividade, e consequentemente se pudesse apontar o fator de impacto e a representatividade dessas atividades pluriativas na qualidade de vida dessas famílias.

Por último, a análise dos resultados da pesquisa, foi realizada através de uma planilha Excel de onde a sua grande maioria foram extraídos dados qualitativos, sendo ainda apresentada no estudo através dos textos e informações dos autores estudados, embasado nas leituras realizadas e na experiência obtida com os temas que foram trabalhados durante a pesquisa.

Cabe destacar, que as fontes de informações privilegiadas acerca da pluriatividade local, no caso dessa pesquisa, foram obtidas através das conversas e da aplicação de um questionário semiestruturado nas visitas realizadas aos informantes-chave e com parte da direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Vicente do Sul, além de conversas informais com alguns servidores do IFFar ligados a projetos de pesquisa e extensão no setor rural.

4. Discussão dos Resultados

Em relação ao município, tem-se percebido um acelerado processo que provoca transformações socioeconômicas e produtivas também na região, este por sua vez provocado principalmente pelo avanço da cultura da soja e áreas com silvicultura.

De acordo com PILLAR et al. (2009), conforme citado por MOREIRA (2019), o aumento de áreas praticadas com culturas anuais e com a silvicultura, bem como o uso inadequado do solo e a invasão de espécies exóticas contribuem para que ocorra redução de pastagens naturais do bioma pampa ao qual o município pertence.

Conforme os autores, a “despecuarização” e a “agriculturização” no Rio Grande do Sul são tidos como processos contemporâneos que transformaram o uso da terra e, por consequência, a bovinocultura de corte. Os processos podem ser observados em todo o estado, porém deram-se em tempos diferentes no Pampa e na Mata Atlântica. Nos dias atuais, os processos de despecuarização e agriculturização estão materializados na cultura da soja e podem ser fortemente observados também em São Vicente do Sul e na região.

A maior contribuição ao VA (Valor Adicionado) do município advém do setor agropecuário, cerca de 57%. Ainda falando-se em setor agropecuário, o município possuía, no ano de 2018, área total de 37.836 hectares plantados, onde 74% eram utilizados para soja e 24,8% para arroz (Sebrae, 2022).

Assim, identificou-se que o município possui uma economia predominante baseada na atividade agropecuária e boa parte desta oriunda da chamada agricultura familiar⁹, que desenvolve diversas atividades entre as quais aparecem principalmente o plantio de grãos como arroz, soja, milho e trigo, além da criação de animais como bovinos, suínos, ovinos, entre outros.

Destacam-se também o cultivo de hortaliças como alface, agrião, rúcula e chicória, e o plantio e comercialização de feijão, mandioca, abóbora, cenoura, beterraba e principalmente a batata-doce, alimento símbolo do município que é conhecido na região como a “Terra da Batata-doce” não por ser o maior produtor do Estado, mas sim pelas peculiaridades do produto como sabor, qualidade, e, logicamente, pelo valor histórico e simbólico que o mesmo possui para as famílias que o cultivam.

As parcerias com o IFFarroupilha e a Emater/RS-Ascar também fomentam o abastecimento local através da organização dos produtores para acesso ao mercado institucional, em especial ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), onde somente através deste programa, nos últimos 3 anos, foram comercializadas mais de 10 toneladas de batata-doce para o Campus local do Instituto Federal Farroupilha⁴ e para as Escolas Borges do Canto e São Vicente, além das escolas da rede municipal de ensino.

Em relação a tipologia da agricultura familiar vicentense, o conhecimento dos pesquisadores em relação a paisagem local e principalmente os relatos dos informantes-chave possibilitaram para que se percebesse que a mesma possui uma ligação com os diversos setores da economia local.

⁴ Ver mais em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/porta> l ou <https://www.iffarroupilha.edu.br/sao-vicente-do-sul>

O quadro a seguir, apresenta a tipologia dos agricultores familiares pluriativos encontrados na referida pesquisa e portando indicam a ligação que existe entre essas famílias e os outros segmentos econômicos:

Quadro 2: Tipos de pluriatividade em São Vicente do Sul

	Tipo de Atividade	Nº famílias	Localidade
01	Agroindústria	06	Loreto
02	Balneários	10	Umbu
03	Eventos: rodeios	15	Rincão do Flores, Chão Duro, Sede
04	Eventos: Fecobat, Kerbs, Carnaval fora de época	10	Sede
05	Prestação de serviços agropecuários	20	Sede e interior
06	Serviço na construção civil	10	Sede e interior
07	Serviço público	20	Diversos/Sede
08	Turismo rural	4	Loreto/Ceio de Moça/Serra de São Miguel

Fonte: os autores (2025)

Pluriatividade na agroindústria: ocorre de forma mais acentuada e organizada na comunidade do Loreto através da APPROL (Associação de Pequenos Produtores Rurais do Loreto) e envolve atualmente em torno de 6 famílias da localidade. As atividades são desenvolvidas pelas mulheres dessas famílias que em ações conjuntas produzem pães, cucas, biscoitos, rosquinhas, entre outros itens no ramo de panificação. Essas mulheres já participam deste tipo de atividade a alguns anos, mas atualmente sua empresa (associação) faz parte de um projeto da Incubadora Social10 do IFFarroupilha Campus São Vicente do Sul, onde o grupo tem recebido orientações e informações sobre gestão, marketing, comercialização e boas práticas de panificação.

Pluriatividade com balneários: realizado no Balneário Passo do Umbu, instalado na localidade de mesmo nome, vem recebendo anualmente visitantes e turistas de várias cidades da região centro oeste do Estado, possuindo excelentes áreas de camping e infraestrutura para recreação e prática de esportes diversos. Existem mais de duas dezenas de casas construídas no referido local, sendo que em torno de 10 dessas residências pertencem à famílias de pequenos produtores que usufruem das mesmas, mas, também alugam as mesmas para turistas e visitantes no período de veraneio, principalmente entre os meses de novembro e fevereiro.

Pluriatividade com eventos (rodeios): é fato que a cultura gaúcha e regional possui vários hábitos e costumes e entre esses encontra-se os chamados rodeios crioulos que durante duas realizações apresentam diversas atrações culturais, inclusive algumas que lembram as

lidas diárias do homem no campo e também os tiros de laço, onde o gaúcho montado a cavalo tenta laçar um boi até um determinado ponto dentro de uma pista de areia ou grama. Em São Vicente do Sul o CTG Cancela da Fronteira que é filiado ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) realiza esse tipo de atividade na sede do município, mas, existem também outras pequenas entidades, chamadas de Piquetes Tradicionalistas, que também realizam esses rodeios pelo interior do município, mais precisamente nas localidades de Rincão dos Flores, Cavajuretã, entre outros. Ocorre, que nos últimos anos esse tipo de atividade também virou uma renda extra para boa parte dos pequenos produtores do estado e da região, e em São Vicente do Sul não é diferente, haja vista que em torno de 15 famílias desenvolvem atividades pluriativas com esses rodeios, pois alugam seus bois para que eles possam correr e serem laçados pelos campeiros. A demanda é crescente em função de que essas entidades realizam pelo menos um ou dois, as vezes bem mais, desses rodeios durante o ano corrente e o produtor que “aluga” o boi cobra em média R\$ 15,00 por cada corrida/armada que o animal realizar durante o evento.

Então, se cada animal correr pelo menos 10 vezes num final de semana, o produtor dono do mesmo receberá pelo aluguel R\$ 150,00. E se esse mesmo produtor alugar 10 animais ele receberá R\$ 1.500,00 somente num final de semana. Cabe destacar que as famílias que tem se envolvido com esse tipo de atividade alugam em média em torno de 40 a 50 animais, ou seja, um rodeio de porte médio pode render a um produtor em torno de R\$ 7.500,00 por final de semana, podendo chegar a R\$ 30.000,00 em um mês, ou seja, uma boa renda extra.

Pluriatividade com eventos (Fecobat, Kerbs e Carnaval e outros): o município destaca-se por realizar diversos eventos que recebem durante o ano pessoas ligadas a comunidade local e regional. Entre esses eventos destacam-se o Baile de Kerbs, o Carnaval fora de época, a Feira do Livro, a Festa do Padroeiro São Vicente Ferrer, o Festival Nativista Canto da Aldeia e a própria FECOBAT conforme já citado anteriormente.

A pluriatividade nesses eventos, que em algumas ocasiões quase duplica o número de habitantes do local, é realizada por um número de aproximadamente 10 famílias rurais do município que nessas datas festivas abrem mão de parte do serviço realizado em suas pequenas propriedades e destinam-se a sede do município para ofertar os mais variados produtos alimentícios tais como salame, queijo, copa, mel, pasteis, carne de porco assada, todos na sua maioria beneficiados de forma artesanal nas próprias propriedades. Também são ofertados produtos oriundos da batata doce como doce seco, doce em calda, pães, roscas, bolos e licores, além de doce de abóbora, amendoim, doce de leite, entre outros.

Pluriatividade com a prestação de serviços agropecuários: identificou-se que em torno de 20 famílias exercem a pluriatividade realizando a prestação de serviços para outros produtores rurais, geralmente de maior poder aquisitivo. O transporte de grãos durante a colheita também é bastante terceirizado e por isso parte dos produtores do município que possuem caminhão próprio realizam essa atividade carregando nas propriedades e destinando as empresas de armazenamento ou cooperativas da região. Outros serviços realizados por pequenos produtores em unidades de produção de maior poder aquisitivo são os de alambrador ou para os mais “antigos” aramador, que são o conserto ou a fabricação de cercas, porteiras e mangueiras para o gado. Em alguns casos esses produtores também realizam a manutenção e até mesmo a construção de galpões dos mais variados, seja para guardar e manutenção de máquinas ou implementos agrícolas como também para a ordenha ou descanso dos animais.

Pluriatividade com serviço na construção civil: em torno de 10 famílias possuem algum representante do sexo masculino que tem desenvolvido serviços de pedreiro, auxiliar de pedreiro e até mesmo de mestre de obras no setor de construção civil vicentense. Informações dão conta de que ao exercer esse tipo de atividade um produtor pode receber mensalmente em torno de 1,5 salário-mínimo, mas que dependendo da experiência e habilidade do mesmo esse valor pode até dobrar. Cabe destacar, que os mesmos desenvolvem esse tipo de atividade tanto na sede como no interior do município, contudo em períodos que suas pequenas propriedades possuem mão de obra “ociosa” nessas famílias, o que faz com que os mesmos tentem melhorar o ambiente econômico e social de seus membros.

Pluriatividade com o serviço público: tipo de atividade que já ocorre há bastante tempo e que envolve no mínimo umas 20 famílias locais. Dentre os locais onde essas pessoas, homens e mulheres, exercem algum tipo de atividade destacam-se a Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores, as Escolas do Município, a EMATER, a Brigada Militar, o Fórum, o Banrisul e até mesmo o Instituto Federal Farroupilha. Já os cargos exercidos são os mais diversos, tais como Estagiário, Bolsista, Vereador, Professor(a), Merendeira, Técnico Agrícola, Policial, Atendente, Escriturário, Docente EBTT e Técnico Administrativo.

Pluriatividade com o turismo rural: são muitas as formas de ocupação do território rural através do turismo, seja através de trilhas, pesque pague, pousadas, hotel fazenda, turismo ecológico, turismo religioso, gastronomia etc. Em torno de 4 famílias tem utilizado parte do espaço de suas propriedades para alavancar, mesmo que de forma modesta, algumas atividades relacionadas ao turismo em áreas rurais. Os principais atrativos naturais são o Cerro do Loreto localizado no local de mesmo nome e que atualmente é bastante utilizado para trilhas ecológicas

e a realização de estudos e trabalhos e até mesmo para o desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão por parte de professores e estudantes do IFFar Campus São Vicente do Sul e também de outras instituições de ensino da região e do estado, haja vista, que o local possui ainda resquícios do período indígena sendo bastante visitado.

5. Considerações finais

Diante das informações recebidas, através dos informantes-chave, percebe-se que boa parte da agricultura familiar vicentense usufrui da chamada pluriatividade através da participação de algum membro dessas famílias no desenvolvimento de uma das atividades citadas nos resultados do trabalho.

Pode-se ainda dizer que essa estratégia adotada por esses produtores possa ter a ver com o tamanho de suas propriedades, assim como a adoção crescente de novas estruturas agroalimentares na maioria das propriedades locais, assim como a própria sojalização que nos últimos anos vem tomando conta da região.

Identificou-se que antigas atividades como a agroindustrialização de produtos artesanais como pães, bolos, cucas e embutidos e o próprio turismo em áreas rurais também acontecem no município assim como em boa parte do estado e do país.

Outras duas atividades pluriativas também estão muito presentes no mundo contemporâneo da agricultura familiar vicentense, que são o trabalho terceirizado com o uso da mão de obra familiar em propriedades maiores e a realização de atividades no serviço público local, seja em entidades municipais, estaduais ou mesmo federal.

Mais recentemente surgiram outros tipos de atividades que usufruem da mão de obra da agricultura familiar, que são o aluguel de gado e até mesmo o transporte para os rodeios de laço realizados no município e na região. E a outra atividade é o trabalho na construção civil local, que utiliza da experiência adquirida por esses homens nas construções erguidas em suas propriedades.

Acredita-se que a adoção desse tipo de estratégia por parte dessas famílias nas atividades destacadas deixa claro a preocupação dos mesmos com o seu crescimento econômico e social, mas, também aponta que a sazonalidade da produção agrícola facilita o desenvolvimento de atividades pluriativas em muitos desses casos. Afinal, sabe-se que em muitos desses exemplos citados, dependendo do cultivo e do sistema adotado por essas famílias, o tempo para o preparo do solo, o plantio e conseqüentemente a colheita a ser realizada leva vários meses para acontecer na sua totalidade, fazendo com que as atividades pluriativas sejam desenvolvidas.

Aliado a isso, esse tipo de estratégia corrobora não apenas para a aquisição de uma renda não agrícola, mas, também para a permanência dessas famílias no meio rural, para a diminuição das desigualdades e sem dúvida alguma para a melhoria da qualidade de vida dos atores envolvidos nesse processo, comprovando que as rendas não agrícolas estão cada vez mais presentes em pequenos municípios e na vida dos trabalhadores rurais menos capitalizados.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo-Rio de Janeiro-Campinas, HUCITEC/ANPOCS/Ed. da UNICAMP, 1992.

ANÉSE, R. L. R., **Arranjos produtivos locais e capital social no Vale do Jaguari/RS**. 2009. Tese (Doutorado em Economia) – Programa de Pós-graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BAUMEL, A.; BASSO, L. C. Agricultura familiar e a sustentabilidade da pequena propriedade rural. In: CAMARGO, G.; CAMARGO FILHO, M.; FÁVARO, J. L. (Org.) **Experiências em desenvolvimento sustentável e agricultura familiar**. Guarapuava – Paraná: Ed. Unicentro, 2004.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese**. Atlas, 2004.

BRASIL, C. R. B. **Agricultores familiares pluriativos na região do Vale do Jaguari/RS: um estudo em Nova Esperança do Sul**. 138f. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

BUAINAIM, A. M.; ROMEIRO, A. **A agricultura familiar no Brasil: agricultura familiar e sistemas de produção**. Projeto: UTF/BRA/051/BRA. Março de 2002. 62p. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/fao>. Acesso em: 14/11/2014.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

CONVAJ. **Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Jaguari**. Elaboração. Equipe Técnica da URI - Campus de Santiago. 2010.

COREDE VALE DO JAGUARI. **Plano Estratégico de Desenvolvimento do Vale do Jaguari 2015-2030**. Disponível em: <https://governanca.rs.gov.br/upload/arquivos/201710/11104738plano-valedojaguari.pdf>. Acesso em: 20 de junho 2024.

DEL GROSSI, ME; GRAZIANO DA SILVA, J. **A pluriatividade na agropecuária brasileira em 1995**. Disponível em: < <http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/134/130> > . Acesso em 21 junho 2024.

ELLIS. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford, Oxford University Press, 2000.

FIALHO, M. A. V. **Agricultura Familiar e as Rendas Não Agrícolas na Região Metropolitana de Porto Alegre: um estudo de caso nos municípios de Dois Irmãos e Ivoti - RS**. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Programa de Pós-graduação em Economia Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

GUANZIROLI, C.; ROMEIRO, A.; BUANAIN, A.M.; SABATO, A..D.; BITTENCOURT, G. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p. 63.

HEDLUND, E. H. **Desenvolvimento industrial na Região do Vale do Jaguari/RS**. 2021. 82 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Economia Sociedade e Política. Foz do Iguaçu: Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Disponível . Acesso em 18 de junho 2024.

KAGEYAMA, Angela. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, 2008.

KAUTSKY, K. **A questão agrária: a evolução da agricultura na sociedade capitalista**. Porto: Portucalense, 1980.

LIMA, A. P. L.; BASSO, N.; NEUMANN, P. S. **Administração da unidade de produção familiar: modalidades de trabalho com agricultores**. Ijuí: Unijuí, 2005.

MOREIRA, J. G. **Transformações produtivas no Pampa brasileiro: As mudanças na bovinocultura de corte diante do avanço da soja**. 111 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

PILLAR, V.P. et al. **Campos Sulinos, conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009. 403 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO VICENTE DO SUL
<http://saovicentedosul.rs.gov.br/site/a-cidade/> Acesso em 10 de maio de 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

RICARDIO, L. (2011).: **diferentes óticas de entendimento e de construção do espaço rural brasileiro**. En Cuad. Desarro. Rural. 8 (67): 231-249.

RUA, J. **Urbanidades no Rural: o devir de novas territorialidades**. Disponível em: <
<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11781/6895>> . Acesso em 20 junho 2024.

SACCO DOS ANJOS, Flávio. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPEL, 2003.

SAMPIERE, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, M.P.B.. **Metodologia da Pesquisa**. 2006

SCHNEIDER, S. **A Pluriatividade na Agricultura familiar**. 1999. 470 pg. Tese (Doutorado em Sociologia) UFRGS. Porto Alegre, 1999.

_____. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**, Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 18, n.51, p. 99-121, 2003.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. **A Agricultura Familiar no Brasil**. FIDA Pobreza y Desigualdad. Contrato de Consultoria de Investigación – RIMISP. Porto Alegre, Set. 2013.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **PERFIL DAS CIDADES GAÚCHAS**. Porto Alegre: Sebrae, 2020. Disponível em http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Sao_Vicente_do_Sul.pdf
Acesso em maio de 2024.

SILVA NETO, B. Abordagem sistêmica, complexidade e sistemas agrários. In. Da MOTA; D.M.; SCHMITZ, H.; VASCONCELLOS, H.E.M. **Agricultura familiar e abordagem sistêmica**. p.81-103: Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, Aracaju 2005.

SILVEIRA, L. B. da. **Agricultura familiar e informalidade: o seu papel no abastecimento local de alimentos**. 2013. 202f. Tese (Doutorado em Extensão rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

VEIGA, J.E. **Agricultura familiar e sustentabilidade**. In: Cadernos de Ciências e Tecnologia. Brasília: Embrapa. V. 13; n. 3; p. 383-399, 1996.

WANDERLEY, M. N. B. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. In: Tedesco, João Carlos (org.). **Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas**. 2a. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

_____. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2004.

_____. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**, Porto Alegre - RS: Editora da UFRGS, 2009.